

VILA KENNEDY. UMA COMUNIDADE PORTADORA DE
ESTÍGMA TRIBAL? *

WALDENIR CALDEIRA DE JESUS
COELHO DE ARAÚJO
Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE.

A identidade social representa um conjunto de atributos da categoria onde o indivíduo se encontra. (GOFFMAN², 1963). O autor justifica seu ponto de vista dizendo que seria "un término más adecuado que el de status social, ya que en él se incluyen atributos personales, como la 'ocupación'" (GOFFMAN², 1963). Categorizamos, ininterruptamente, as pessoas que nos cercam e que estão interagindo conosco. Tal categorização é feita de modo inconsciente pelas primeiras aparências que os indivíduos apresentam ao grupo social e satisfaz momentaneamente a curiosidade coletiva dos membros de uma sociedade. Na medida em que se aumenta de interação com tais pessoas a tendência é a de reestruturar a categorização inicial devido às novas informações que estas fornecem. Porém, como nos diz Goffman, imputações seriam uma categorização "en esencial una identidad social virtual - la categoría y los atributos que, de hecho, según su identidad social real"^{2:18}. Entretanto, existe uma variação enorme de atributos que podem possuir uma carga positiva como negativa. Dentro de uma sociedade os atributos positivos correspondem aos fins desejados e estimulados por ela própria. Atingi-los constitui uma meta "normal" aspirada por todos os seus membros. Os atribu-

* *Resumo parcial da pesquisa realizada na Vila Kennedy, pertencente ao Plano Habitacional da Cidade do Rio de Janeiro, no período de março a julho de 1972.*

tos negativos, ao contrário, não promovem o indivíduo, colocando-o em uma situação embaraçosa, diferente do restante da sociedade a que pertence. Sua imputação como já foi dito anteriormente, é realizado num primeiro contato entre o ator social e o indivíduo que o porta. Tais atributos negativos, capazes de provocar uma reação dos atores sociais é chamado de estigma. Os indivíduos estigmatizados são marginalizados tendendo a formar associações próprias. Assim, indivíduos portadores de um estigma comum, provocado por doença, condição social inferior, raça, religião entre outros, procuram se isolar e formar um grupo social a parte. É uma das formas de minimização do grupo estigmatizado onde a diferença comum não é percebida de modo reativo pelos seus próprios membros.

Em nosso trabalho foi utilizado o conceito de estigma proposto por Goffman para fazer referência a um atributo profundamente desacreditador. Porém, como o próprio autor confessa "se necessita es un lenguaje de relaciones, no de atributos... Un estigma es, pues, realmente, una classe especial de relación entre atributo y estereotipo".^{2:13} Este conceito é de grande importância, de vez que determinados atributos resultam desacreditadores em quase toda Sociedade Ocidental.

O indivíduo pode, segundo Goffman, estar frente a duas situações: desacreditado e desacreditável. Na primeira, o seu estigma é evidente logo à primeira vista e o seu portador não pode escondê-lo. Na segunda, a sua constatação depende de maiores informações a fim de ser percebido. Como diz Goffman, esta diferenciação é importante e as relações sociais dependerão, em grande parte, da posição em que se encontra o indivíduo estigmatizado. As duas situações não são estanques e o indivíduo estigmatizado pode estar frente a ambas, simultaneamente.

Os estigmas podem ser agrupados em três grandes categorias: os causados por deformidade física; os decorrentes de defeitos do caráter e por último os estigmas tribais, da nação, da raça e da religião, suscetíveis de serem transmitidos por herança e contaminar por igual a todos os membros de uma família.^{2:14} Goffman relata também que na história moderna, especialmente na Grã-Bretanha, o status de clas-

se baixa funcionava como um importante estigma tribal que passava de pai para filho. A contaminação do status de classe baixa era operado na medida em que os filhos crescessem inadequadamente sobre uma condição social inferior inicial. O manejo do estigma de classe é naturalmente, um tema central de novela inglesa.^{3:14}

O terceiro tipo, o estigma tribal, parece relevante para o estudo realizado na Vila Kennedy. Dois fatores nos levaram a admitir tal hipótese: primeiro, a população que encontra em área favelada, via de regra, é de classe baixa; e segundo, o termo "favela" possui uma conotação estigmatizada pela população não favelada. Segundo Medina "não é incomum uma visão local da favela como uma área geograficamente isolada e com características exóticas, como um mundo misterioso e folclórico, de onde surgem as escolas de samba e a música popular dita anteriormente do povo".^{5:112} Este autor tem razão quando nos diz que a favela não pode ser estudada como uma unidade social isolada, independente do contexto onde está inserida como querem alguns autores. Pode existir uma setorialização da favela em termos de espaço geográfico. Entretanto, socialmente os seus limites são muito mais extensos e interligados com o resto da população. Os problemas que surgem na área favelada são exteriores a mesma, em sua maior parte, contribuindo para realçar a diferenciação com a área não favelada e jamais para torná-la independente.

Dentro da Vila Kennedy os seus moradores possuem pontos de referências comuns que lhes possibilitam identificar a posição de pessoa estigmatizada. Contudo, este estigma comum aos moradores da "Vila" neutraliza a posição assumida pela comunidade como um todo. Já em relação aos de fora o mesmo não acontece. Ao contrário, influi no sentido de realçar ainda mais a condição estigmatizada. A simples categoria "morador da vila" representa uma condição social inferior para os de fora. Uma de nossas informantes revelou que sentia dificuldades em arranjar empregos. Tentou mais de uma vez nos supermercados cariocas. Passava em todos os testes que fazia e quando já estava na fase de admissão, ao declarar o local de moradia, era sumariamente dispensada. Este fato aconteceu mais de uma vez

com a informante e também com algumas de suas colegas. Esta reação provoca no estigmatizado uma autodefesa através do encobrimento que assume na Vila Kennedy uma proporção elevada.

O ex-favelado tenta apagar as imagens que trouxe de lá. Alguns, antes mesmo de saírem dela, jamais revelavam a ninguém o seu local de moradia. Uma informante nos contou o caso de um filho que ocultava o seu endereço de todo mundo, inclusive, da noiva. Como a transferência para a Vila Kennedy estava próxima, aguardava que esta fosse realizada a fim de levá-la à casa da informante. Porém, sua noiva ao descobrir o seu segredo, chega de surpresa na favela onde moravam. Desgostoso com o acontecido acabou o noivado. A informante nos disse: "Passada a favela, meu filho parecia um doutor, branco, olhos azuis, só andava muito bem trajado, ninguém desconfiava que se tratasse de um favelado e ele não dizia a ninguém o seu endereço verdadeiro, ele tinha vergonha de ser um favelado".

Freqüentemente a posição assumida pelo estigmatizado, na Vila Kennedy é de desacreditável e não é perceptível num primeiro contato. É necessário que o ator social venha descobrir que está diante de um ex-favelado. São, então, passará a tratá-lo como tal. Fora da "Vila", no meio de outros habitantes da cidade que desconheçam a sua posição, o ex-favelado tentará por todos os meios encobrir sua ex-condição social inferior. É semelhante aos estigmas ocupacionais de pessoas que desfrutam no presente uma posição social de prestígio, porém no passado ocupava cargos humildes. Como a transferência da população favelada para a Vila Kennedy foi coletivo, existe, pode-se dizer, um acompanhamento também coletivo do estigma de seus habitantes que os marginaliza em determinadas situações. A falta de referência à categoria favela, inconsciente ou propositada, revela um esforço desse encobrimento. Poucos foram os informantes que mencionaram tal categoria, mesmo, em contínuas entrevistas. Cada informante foi entrevistado várias vezes a fim de se contrapor o seu discurso com os dos membros de seu grupo de mobilização pessoal, citado por ele próprio. É difícil supor-se que desconheçam a categoria favela dentro da cidade do Rio de Janeiro, é mais provável evitar a referência.

A IDENTIDADE SOCIAL CONTRASTIVA DA VILA KENNEDY

A identidade social dos informantes da Vila Kennedy é ainda um reflexo da vida estigmatizada que a maioria de sua população possuía na favela. É, portanto, uma identidade contrastiva em relação aos de fora. Num artigo publicado por um matutino carioca, cujo autor se esconde através de um pseudônimo intitulado Jericô, é que se pode observar de forma nítida a oposição dos de fora em relação aos moradores da Vila Kennedy:

"Vila Kennedy - nome pomposo de um bairro distante para onde a sub-unidade que habitava nas favelas da Zona Sul foi transferida, a fim de que os seus gritantes problemas parassem de entrar em choque com a imagem aparente de cidade que o Estado insiste em manter. O bairro, onde moram cerca de quarenta mil pessoas, apresenta problemas dos mais sérios, que vão desde a extrema dificuldade de condução, o pânico criado por freqüentes assaltos, a completa falta de assistência médica para os moradores e ainda, o total abandono em que se encontram as vias públicas. À noite o bairro fica entregue aos bandidos. Ninguém sai de casa a não ser numa emergência. De vez em quando, em ocasião que por coincidência passa um policial pelo local onde os assaltantes estão agindo, o problema ainda se complica, porque uma chuvarada de balas põe em perigo até mesmo os moradores que repousam em suas casas, imaginando-se em segurança". (CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 15 dez. 1972. p. 16).

O estereótipo persiste, portanto, como uma primeira informação dada aos membros da sociedade maior pelo editorialista Jericô. É verdade que certa parte da "Vila" é carente de iluminação. Entretanto, o movimento de pessoas na rua é grande até às vinte e duas horas. Depois desse horário não é só na Vila Kennedy que é perigoso andar sozinho, mas em qualquer cidade grande como a do Rio de Janeiro.

Este artigo reflete a imagem da época da transferência das populações faveladas para as vilas de Cohab. Porém, atualmente a Vila dispõe de uma certa infra-estrutura básica, inclusive, de uma guarnição da Polícia Militar do Rio de Janeiro em suas proximidades. Isto garante um policiamento efetivo e não ocasional como o editorialista se refere.

Esta imagem também foi uma constante nas redações que os alunos do Ginásio Café Filho, situado dentro da "Vila", fizeram a nosso pedido. O tema sugerido para redação foi: "Descrever como era sua moradia antes de sua remoção para a "Vila" e como era agora dentro dela. Um impasse surgiu logo de imediato - a maioria dos alunos que estudava no referido ginásio não residia na "Vila". Na instalação do Ginásio é que a Secretaria de Educação da Cidade do Rio de Janeiro percebeu a não existência de Escolas de 1ª a 4ª grau que possibilitassem a passagem automática para o 5º grau. Desta forma, o alunado era formado de pessoas estranhas à "Vila". Pediu-se, então, a tais alunos que comparassem o seu tipo de moradia com os existentes dentro da "Vila".

"Local de marginais, de vadios, de gente ruim, de malfeitores" foram as mais citadas nos discursos dos alunos que não moram na "Vila". Em contraposição, a imagem refletida pelos ex-favelados é a de que a "Vila" é um local ótimo, bem agradável, apenas se queixaram da distância que fica em relação ao Centro da Cidade. Quanto ao professorado, a maioria confessou que no início teve receio em vir trabalhar na "Vila". Os seus familiares combateram muito por considerarem um local perigoso. Hoje em dia as professoras reconhecem que não é tão negativo quanto pensavam que fosse. O alunado se comporta como os alunos de outros locais onde também ensinam. A maioria mora na Zona Sul e se queixa da falta de transportes para a "Vila".

Os grupos sociais da "Vila" que conseguem uma participação mais efetiva de toda comunidade tiveram suas raízes na favela. São os times de futebol e a escola de samba. Na "Vila" há cerca de doze times de futebol. Os quatro maiores times foram formados nas favelas que contribuíram com um maior contingente populacional removido para a "Vila". O "Bangusinho "

Veio da Favela do Esqueleto, localizada perto do Maracanã. O Vila, é o time de maior projeção dentro dela e é quem a representa quando o jogo é dentro ou fora dela. É o único time que possui um campo próprio dentro da comunidade.

"A escola de samba é o cartão de visita da Vila Kennedy", diziam com orgulho os informantes durante as entrevistas. Na época dos ensaios a comunidade prestigia comparecendo aos mesmos. No dia do desfile acorrem, em massa, ao asfalto distante a fim de torcer por sua vitória. Também teve suas raízes nas favelas quando saíam em pequenos blocos sem composição efetiva. A transferência para a "Vila" possibilitou a sua organização.

Não há uma continuação pura e simples da vida da favela para a Vila Kennedy. Muitos dos hábitos antigos foram substituídos com a roupagem nova. Todavia, os valores centrais que existiam na favela, como um grupo socialmente estigmatizado, ainda estão presentes na Vila Kennedy.

As categorias favelado e ex-favelado nem sempre são manipuladas como um atributo desacreditador para os que residem fora. Parece-nos semelhantes à manipulação da categoria "caboclo" pelos Tukuna do Alto Solimões, analisada por Roberto Cardoso de Oliveira⁷. A categoria caboclo é manipulada pelo Tukuna transfigurado pelo contato com o branco de acordo com as suas conveniências. Ora o índio Tukuna argui sua identidade indígena quando interessado em preservar suas terras; ora a branca quando para auferir outras vantagens. Também em relação à favela houve casos semelhantes na época de transferência para as vilas da Companhia de Habitação Popular (COHAB), de pessoas não faveladas que foram morar nas favelas, antes da remoção, a fim de serem contemplados com as casas do Plano Nacional de Habitação.

Finalizando, foi neste aspecto que se procurou estudar o estigma tribal na Vila Kennedy, resultante da transferência de valores que acompanhou a população favelada removida e não como uma característica inerente a mesma. Até que ponto o morador da Vila Kennedy deixou para trás todos os seus valores antigos da favela ainda é cedo para tal afirmativa. O conflito

existente entre os novos valores que determinados seguimentos da "Vila" tentam inculcir na mentalidade da população jovem e os padrões trazidos pela geração anterior, ex-favelada, ficou evidenciado nas entrevistas realizadas com membros dos dois grupos. Notou-se uma certa distanciação do elemento jovem da esfera de controle dos seus pais. Não é simplesmente um choque de gerações, comum a qualquer sociedade, porém o fruto do conflito mencionado. A população jovem não deseja identificar-se com os padrões antigos dos ex-favelados e procuram os seus modelos nas novas instituições criadas dentro da "Vila". Ignoram ou procuram ignorar o estigma com que são rotulados pelo pessoal de fora. Pode-se dizer que uma identidade social emergente surge entre a população jovem que se opõe de forma radical aos padrões da população mais velha, portadora de um estigma social trazido da favela e que ainda persiste.

BIBLIOGRAFIA

1. BOTT, Elizabeth. *Family and social network*. London, Tavistock Publ., 1957.
2. GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1963.
3. —. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1959.
4. GOODNOUGH, W. H. *Description and comparison in cultural anthropology*. Aldine Publ., 1970.
5. MEDINA, Carlos Alberto de. A favela como uma estrutura atomística; elementos descritivos e constitutivos. *América Latina*, Rio de Janeiro, 12(13):112-36, 1969.
6. MOERMAN, M. Ethnic identification in a complex civilisation; who are the lue? *American Anthropologist*, Beloit, Wis., (67):1215-30, 1965.

7. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade ética, identificação e manipulação*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1971. p. 1-39. Mimeografado.
8. —. *O índio e o mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1972. 139 p.
9. TURNER, V.W. The concepts of the social drama. In: —. *Schism and continuity in an African Society*. Manchester, University Press, 1957. p. 91-115.